



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Embora represente a Bélgica na competição que, na noite desta sexta, vai consagrar um dos 14 concorrentes à Pirâmide de Ouro com o troféu cinéfilo da terra dos faraós, Marta Bergman fez “The Silent Run” para simbolizar três valores universais – culpa, lealdade e família – sem usar um CEP para isso. Fiel a um modo peculiar de filmar vidas em trânsito, visível em “Seule À Mon Mariage”, que lhe deu fama em 2018, a realizadora volta a flanar pela ficção com um realismo quase documental, para falar sobre imigração. Foi ao 46º Festival de Cairo (CIFF) acompanhada por sua atriz, a tunisiana Zbeida Belhajamor, que deslumbrou plateias com sua doída atuação.

“A linguagem corporal, com gestos, foi fundamental para criar a

Corações em rota de pertencimento

Num debate sobre imigração, a produção belga ‘The Silent Run’ se impõe na disputa pela Pirâmide de Ouro ao retratar a dinâmica de estrangeiros numa Europa marcada por racismo

Divulgação



‘The Silent Run’,
um estudo
sobre imigração
nascido de um
fato real e trágico

dinâmica de interpretação de uma história que partiu de um fato real (a morte de uma criança, no trânsito de estrangeiros em migração) e começa como um sonho, para nos tirar a noção de território, para tirar

a referência de espaço”, diz a cineasta ao Correio.

Só a sequência inicial, em tons rubros terrígenos, com um casal a se amar como se o nosso mundo não estivesse ruínas, num espaço

que parece um casulo, bastou para cacifar “The Silent Run” como um dos achados do Cairo, em 2025.

“A inocência era um dos focos de ação que seguimos para criar”, diz Zbeida. “Construímos o filme

imaginando um cotidiano, que não está na tela, para a pessoas que retratamos. Eu trouxe referências da relação com a minha mãe”, explica a atriz.

No roteiro filmado por Marta, os imigrantes Sara (Zbeida), Adam (Abdal Alswaha) e sua filha de dois anos chegaram ilegalmente à Europa, por fronteiras belgas, e esperam finalmente conseguir chegar à Inglaterra. Amontoados com outros refugiados na parte de trás de uma van, eles provam do medo, que começa a prevalecer sobre a esperança. Um policial complicará a vida desse pessoal, colocando sua própria farda em xeque, num dilema ético acerca da intolerância.

“Exploramos muito a questão da ambiguidade moral num enredo que explora a complexidade dos modos de olhar uma realidade. Há um contexto policial ali em que a Lei exige que haja um culpado. Só que nesse contexto existe o racismo. Existem formas diferentes de se olhar o que se chama de minoria. Mas não é uma perspectiva apenas belga”, diz Marta. “Busquei espelhar a forma de conexão social. Tanto o grupo de imigrantes como o grupo de policiais agem como se fossem famílias”.

Hong Sangsoo, grife coreana de excelência

A autorialidade do realizador é reafirmada no elogiado ‘O Que a Natureza Te Conta’

A fim de conversar com as mais ousadas vertentes de invenção do cinema contemporâneo, o CIFF abriu telas para o realizador autoral mais prolífico da atualidade: o sul-coreano Hong Sangsoo. Ele participou do evento com “O Que a Natureza Te Conta” (“What Does That Nature Say to You”), produção que foi disputar o Urso de Ouro, em fevereiro, e, desde então, não sai do radar das maiores mos-

tras do planeta. Neste fim de semana, ela entrou em cartaz no Rio. O roteiro assume como protagonista o arredio Donghwa, um poeta de trinta e poucos anos.

Esse trovador leva a namorada, Junhee, para uma viagem de carro de Seul até a casa dos pais dela, nos arredores da localidade de Icheon. Ao notar a surpresa do seu amado com o tamanho da casa e os seus jardins montanhosos, Junhee su-

gere que ele dê uma olhadela rápida no local, mas, na entrada da garagem, eles encontram o pai da mulher, que convida Donghwa para passar o dia com seus parentes. Todos engatam numa ciranda de conversas: o patriarca; a sua esposa, que também é poeta; e as duas filhas adultas, uma delas em



‘O Que A
Natureza
Te Conta’
já pode ser
visto no Rio

crise depressiva. Naquela conversa regada a álcool, Donghwa embenha-se e deixa cair a sua máscara de deferência, revelando um lado bem constrangedor.

Sangsoo (também se grifa Sang-soo, como se vê no catálogo do Cairo) começou a rodar suas longas em 1996, com “O Dia Em Que

o Porco Caiu no Poço”. Foi alcado a um status de popstar autoral depois de ganhar o Prix Un Certain Regard de Cannes, em 2010, com “Hahaha”. Sua empresa, Jeonwonsa Film Co. Production, consegue dar conta de sua mirada enxuta e de sua urgência, e realizar dois filmes por ano, no mínimo. (R. F.)